



Luís Machado Resendes \*

# O caminho do abismo

*“Uma das medidas que o governo já devia ter tomado há muito era mandar trabalhar todos os seus funcionários que estão em teletrabalho para animarem a economia, ao invés de os instrumentalizar para obter ganhos eleitorais. Por outro lado, o governo PS não deu férias a ninguém da classe política (secretários, diretores regionais e outros cargos de confiança política), esses têm de estar todos de prevenção e alerta para a campanha eleitoral 24 horas por dia até às eleições.”*

Com o aproximar do ato eleitoral (Legislativas Regionais de 25 de Outubro), que caminha a passos largos, são cada vez mais as promessas e medidas anunciadas em catadupa pelo Governo Regional dos Açores e de investimentos de milhões e milhões. A forma de fazer política e propaganda não mudou nada no essencial desde há mais de vinte anos, apenas se aperfeiçoou para pior. Só o Covid-19 imporá à força a proibição de aglomerados em comícios e sessões de esclarecimento, de exaltação e júbilo irracional pelos feitos gloriosos do Governo Socialista e daqueles que se seguirão. Mas a dura realidade dos factos e dos números, por mais engenharia financeira, truques de magia e ilusionismo não podem, nem devem ser ignorados. O caminho trilhado até aqui coloca-nos (só para dar alguns exemplos), de acordo com as primeiras páginas de matutinos regionais, como a região mais pobre do país, segundo vários indicadores, um deles é a taxa de pessoas que recorrem ao RSI. Somos a região com menor coesão social, isto é, com o maior fosso entre ricos e pobres e com maiores desigualdades de rendimento. Temos a maior taxa de desemprego do país e ocupamos o último lugar no ranking da educação e do abandono escolar. Os Açores têm o maior número de reclusos por 100 000 mil habitantes, não apenas de Portugal, mas também da Europa, a mais elevada taxa de alcoolismo e somos a região onde se praticam mais crimes de violência doméstica, etc. Reiteradamente, lá vem nas primeiras páginas dos jornais Açorianos um tema em que os Açores são lanterna vermelha das regiões de Portugal. A última, que eu me tenha apercebido, foi que somos a região com maior taxa de suicídio jovem. Esta economia não dá esperança, nem futuro aos jovens. Que triste sina a nossa!

O Governo Regional há uns dias anunciou, com pompa e circunstância, 250 medidas para reerguer e levantar a economia, no fundo eles sabem que ela está deitada. Mas ainda não perceberam que o problema não é de quantidade, mas sim de qualidade. Uma das medidas que o governo já devia ter tomado há muito era mandar trabalhar todos os seus funcionários que estão em teletrabalho para animarem a economia, ao invés de os instrumentalizar para obter ganhos eleitorais. Por outro lado, o governo PS não deu férias a ninguém da classe política (secretários, diretores regionais e outros cargos de confiança política), esses têm de estar todos de prevenção e alerta para a campanha eleitoral 24 horas por dia até às eleições.

O Governo Regional do PS anda, essencialmente, deslumbrado com o poder e a sua manutenção, e



aquilo que mais teme é perdê-lo, por isso não tem grandes escrúpulos e tudo faz para iludir as pessoas, apesar da sua miopia, falta de ideias e estratégia de futuro. Veja-se a falta de vergonha sem limites em nome da campanha eleitoral e da caça ao voto, ao dizer-se que a taxa de desemprego nos Açores diminuiu para 4,9% no segundo trimestre 2020. Isto, sem recurso a qualquer indicador, apenas pela constatação empírica, tem de ser apelidado de enorme falsidade. A manipulação está em que neste período de pandemia, as pessoas não estão autorizadas a insereverem-se no centro de emprego. Então numa altura em que todo o mundo, dito civilizado, as falências, insolvências e fecho de empresas são uma constante e, por isso, o desemprego aumentou consideravelmente, os Açores, milagrosamente, estavam em contra ciclo. Gente que diz isto não tem pinga de vergonha. Estamos perante a maior crise de sempre das nossas vidas, potenciada, é verdade, pelo Covid-19, mas o governo nega essa realidade, assobiando para o lado e fazendo vãs promessas de médio e longo prazo, mantendo o povo na ignorância.

O poder socialista na república capturou o estado. Cá capturaram a região, asfixiando as pessoas, empresas e associações recorrendo, por vezes, à chantagem e manipulação. Sabemos que a maior parte dessas instituições estão arruinadas, e aquelas cuja direção não são afetas ao PS, vivem em perma-

nente sufoco financeiro, veja-se o caso dos Bombeiros Voluntários de Ponta Delgada. O que eu não percebo é que, apesar da falência técnica da região e do seu setor empresarial, fazem-se equipamentos e investimentos vultuosos sem necessidade.

Sabemos que é uma tentação do poder, pior ainda do poder absoluto socialista, querer controlar tudo e todos e tratar-nos como um rebanho, decidindo quando come e quando dorme, isto é, quer tornar-se, como alguém já disse, no “grande irmão”. Apesar da legitimidade eleitoral, esta não confere poder absoluto e sem limites. Mas este PS tornou-se tentacular e clientelar, não hesita, nem hesitará em tudo fazer para ter o controlo político e económico, anestesiando todos os setores da sociedade, assim mantendo o seu enorme exército eleitoral a comer da manjedoura da região.

A oposição não socialista terá que ter um discurso claro e mobilizador para que se possa criar uma alternativa de governo diferente, para melhor, e que dê mais esperança aos Açorianos. Não se pode cair no discurso fácil de dizer que não há alternativa. A oposição deverá ser avaliada também por aquilo que se propõe fazer no poder.

Precisamos urgentemente de um novo paradigma de desenvolvimento para esta terra.

Estas figuras desconhecidas, associadas ao slogan de uma pobreza franciscana “Prá frente é que é caminho”, dão a ideia de fim de ciclo e de cheiro a mofo. O caminho percorrido foi uma navegação à vista, sem rumo, sem estratégia e sem projeto de longo prazo que nos tire do buraco em que nos encontramos. O percurso feito até aqui levou-nos, numa palavra, para a região mais atrasada e mais pobre de Portugal. Este caminho levar-nos-á contra a parede ou para o abismo. Não nos podemos resignar a ser uma região de pedintes que está de cócoras e mão estendida para o Estado e União Europeia. A região, com estes políticos (muitos sem vestígio de dignidade ou valor) e estas políticas, vai prolongar, indefinidamente, a nossa tradição de pobreza e mendicidade.

Com estas figuras seráficas, muitas de baixa reputação, com que o PS se apresenta, promessas gastas, estafadas e com bolor, não tenhamos ilusões, continuaremos a nossa marcha para o eterno atraso estrutural.

Esta região precisa de um sobressalto cívico e político, suficientemente disruptivo que nos permita sair do marasmo a que chegamos e ter maior esperança no futuro.